

## Apresentação

### Neologia: histórico e perspectivas

Ieda Maria ALVES\*

Bruno MARONEZE\*\*

#### Histórico

A história das línguas tem mostrado que seu acervo lexical renova-se incessantemente, em função da evolução da sociedade em que são faladas. Desse modo, “enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade linguística” (ALVES, 1990, p. 5).

*Neologia* e *neologismo* são os termos que, tradicionalmente, em diversas línguas, têm sido usados para designar a criatividade no âmbito lexical: *neologia* designa o processo de criação e *neologismo* denomina o produto desse processo, a nova unidade lexical. Segundo Cunha (1982), a introdução desses termos na língua portuguesa ocorreu nos séculos XVIII (*neologismo*) e XIX (*neologia*, atestado em 1858).

Esses termos são observados em nossas obras lexicográficas a partir do século XIX, com acepções que foram sofrendo transformações ao longo do tempo. Moraes Silva, no *Diccionario da lingua portugueza* (1813, v. 2, p. 340), registra *neologismo*, que é definido como “o uso frequente de palavras novas”.

*Neologia*, *neologismo* e *neólogo* são definidos pelo *Grande dicionário portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*, de Frei Domingos Vieira (1871-4, v. 4, p. 425): *neologia* –

---

\* Professora titular da Universidade de São Paulo (USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1803-3615>. [iemalves@usp.br](mailto:iemalves@usp.br)

\*\* Professor associado da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2821-9448>. [brunomaroneze@ufgd.edu.br](mailto:brunomaroneze@ufgd.edu.br)

“invenção ou introdução de termos ou locuções novas em um idioma”; *neologismo* – “inovação de palavras e phrases”; assim como *neologo* – “o que usa com frequência de termos novos; o que affecta uma linguagem nova”. Observa-se, nessas definições, que tanto *neologia* como *neologismo* são definidos como um processo e *neólogo* refere-se ao falante que emprega palavras novas com frequência. A introdução desse dicionário, escrita por Adolpho Coelho, também faz menção às mudanças lexicais das línguas e às criações neológicas, mostrando como podem ser formadas:

Ao passo que as línguas perdem palavras muitas novas vão apparecendo n’ellas. O neologismo é uma outra phase da sua metamorphose. Em cada uma das línguas modernas há hoje milhares de palavras que em vão se buscarão nos escriptores dos seculos precedentes. Essas palavras saem ou 1) do fundo de cada lingua, isto é, são produzidas por novas combinações de seus elementos proprios, ou 2) são tiradas já formadas das línguas classicas ou produzidas pelas combinações d’elementos principalmente d’essas línguas (o grego e o latim), o que se dá principalmente na technologia scientifica, ou 3) são introduzidas das outras línguas modernas. (Adolpho Coelho, 1871-4, v. 1, p. XXV)

A 10.<sup>a</sup> edição do dicionário de Moraes Silva (1949-59, v. 7. p. 246) registra os termos *neologia* e *neologismo* atribuindo-lhes uma relação sinonímica, sem distinção entre o processo e o produto: *neologia* – “invenção, introdução, emprego de termos novos; o mesmo que neologismo”. Outros termos da mesma família etimológica constituem entradas nesse dicionário: de caráter nominal (*neológico*, *neologista*, *neólogo*, *neologóforo*), verbal (*neologismar* = “fazer neologismos”) e adverbial (*neologicamente*).

A distinção entre o processo e o produto também não é observada no *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire (1957 [1940], v. 4, p. 3.592): *neologia* – “o mesmo que neologismo”; *neologismo* – “palavra ou frase nova, ou palavra antiga com sentido novo”.

Na lexicografia em língua portuguesa, a distinção entre os dois termos vai transparecer na obra de Caldas Aulete (1970 [1881], v. 4, p. 2.491): *neologia* –

“introdução de palavras novas ou de novas acepções, introdução de doutrinas novas numa ciência”; *neologismo* – “palavra ou frase nova numa língua, doutrina nova”. Além dos termos da mesma família etimológica apresentados como entradas na 10ª edição do dicionário de Moraes Silva, Caldas Aulete introduz *neologofobia*, que representa o “sentimento de aversão ao neologismo” e ainda *neologofilia*, a doutrina do *neologófilo*, ou seja, aquele “que gosta de neologismos”<sup>1</sup>. O *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Ferreira (1986, p. 1.189), apresenta a mesma distinção: *neologia* – “emprego de palavras novas, ou de novas acepções”; *neologismo* – “palavra, frase, ou expressão nova, ou palavra antiga com sentido novo”.

Apresentando definições mais completas dos termos *neologia* e *neologismo*, o *Grande Dicionário Houaiss* (2012) atribui a *neologia* três acepções, designativas, respectivamente, de processo, registro e conjunto. A primeira, relativa a processo, resgata o sentido do elemento de composição grego *-logia*, indicativo de ‘ciência, arte, tratado’: “1 processo de formação, caracterização e emprego de novas unidades léxicas <a n. é uma manifestação de vitalidade de uma língua> 2 p.met. registro dessas unidades 3 conjunto de neologismos <a n. do Dicionário Houaiss>.” O verbete correspondente a *neologismo* registra também três acepções, em que se observa, nas duas primeiras, referências à formação de palavras novas, e, na terceira, a nova palavra criada por um desses processos: 1 emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não 2 atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua. 3 unidade léxica criada por esses processos”.

---

<sup>1</sup> A acepção “doutrina nova”, atribuída aos termos *neologia* e *neologismo* por Caldas Aulete, e posteriormente a *neologismo* por Ferreira, é explicada pelo lexicólogo francês Giraud (1974, p. 200), que informa que o termo alemão *Neologismus* e, posteriormente, o inglês *neologism* designaram por muito tempo uma nova doutrina, inspirada sobretudo em Spinoza e propagada pelos teólogos racionais, assim chamados por Leibniz. Segundo essa doutrina, deve-se confiar apenas na razão e admitir nos dogmas religiosos somente o que ela reconhece como lógico e adequado, de acordo com a nova luz (*lumière nouvelle*) (ALVES, 2000, p. 101-102).

## O que é um neologismo?

Jean-François Sablayrolles, renomado estudioso de neologismos da língua francesa, inicia a Introdução de uma de suas obras recentes, *Les néologismes. Créer des mots française aujourd'hui* (2017) com a seguinte inquietação:

Se a neologia pode ser facilmente definida, conforme se diz frequentemente dela, como uma inovação, seja lá qual for, no nível de uma unidade lexical, a identificação e a análise dos neologismos, novas unidades lexicais ou empregos inovadores de unidades lexicais existentes, são muito mais delicadas e apresentam muitos problemas de diferente natureza.<sup>2</sup>

A dificuldade da definição de *neologismo* parece residir no conceito de novidade. Palavra nova em relação a que ou a quem?

A concepção de que os dicionários de língua registram unidades lexicais já enraizadas em uma língua, e vão introduzindo também palavras novas, tem tido como efeito a consideração dessas obras como guardiãs e censoras do léxico da língua. Uma pergunta constante que se ouve diz respeito à existência de uma palavra ausente das obras lexicográficas: “Essa palavra existe? Se não está nos dicionários, podemos usá-la?”

Na verdade, a determinação da neologicidade de uma unidade lexical está, tradicionalmente, vinculada ao registro em dicionários. Esse critério de caráter lexicográfico tem sido usado, desde o início dos anos 1960, com a criação do primeiro observatório de neologia, o *Laboratoire d'Analyse Lexicologique do Centre d'Etude du Vocabulaire Français*, em Besançon, França, pelo lexicólogo e lexicógrafo francês Bernard Quemada. Nesse observatório, e nos demais criados em sua esteira, também

---

<sup>2</sup> Si la néologie se laisse assez aisément définir, quoi qu'on en dise souvent, comme une innovation, quelle qu'elle soit, au niveau d'une unité lexicale, l'identification et l'analyse des néologismes, nouvelles unités lexicales ou emplois innovants d'unités lexicales existantes, sont beaucoup plus délicates et posent de nombreux problèmes, de diverses natures.

os dicionários foram utilizados para determinar o caráter neológico ou não neológico das unidades lexicais.

Essa metodologia de caracterização da neologicidade de unidades lexicais por meio de obras lexicográficas foi explicitada por Boulanger, que, em um trabalho publicado na revista quebequense *Néologie en Marche* (1979), aborda esse tema no subcapítulo *Problématique d'une méthodologie de dépistage des néologismes*. Esse capítulo apresenta a metodologia utilizada no setor de neologia científica e técnica do então *Office de la langue française*, atualmente o *Office québécois de la langue française*, no qual trabalhava. Inicialmente aplicada à língua francesa, essa metodologia foi denominada *corpus de exclusão* (*corpus d'exclusion*) por Boulanger e ainda hoje é utilizada em trabalhos de cunho neológico, tanto relativos à língua geral como às línguas de especialidade.

Em *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones* (1993), Cabré menciona quatro parâmetros que podem contribuir para determinar o caráter neológico de uma unidade lexical, dentre os quais se observa a referência à utilização do dicionário como *corpus* de exclusão, critério esse que, afirma a autora, tem sido priorizado pelos estudiosos da neologia:

a *diacronia*: uma unidade é neológica se surgiu em um período recente;  
a *lexicografia*: uma unidade é neológica se não está incluída nos dicionários;  
a *instabilidade sistemática*: uma unidade é neológica se apresenta signos de instabilidade formal (morfológicos, gráficos, fonéticos) ou semântica;  
a *psicologia*: uma unidade é neológica se os falantes a consideram como uma unidade nova.<sup>3</sup>

Esses critérios não se excluem e indicam que, do ponto de vista da história da língua, o neologismo é uma unidade lexical introduzida recentemente em seu sistema

---

<sup>3</sup> la diacronía: una unidad es neológica si ha aparecido en un período reciente; la lexicografía: una unidad es neológica si no aparece en los diccionarios; la inestabilidad sistemática: una unidad es neológica si presenta signos de inestabilidad formal (morfológicos, gráficos, fonéticos) o semántica; la psicología: una unidad es neológica si los hablantes la perciben como una unidad nueva.

linguístico e, até sua estabilização, pode sofrer variações do ponto de vista formal e semântico.

O último critério proposto por Cabré, de caráter psicológico, tem sido bastante focado por Sablayrolles, o *sentimento de neologia* (*sentiment de néologie*) (2013). Para esse autor, se a percepção do caráter novo de uma unidade lexical por parte de falantes nativos de uma língua é frequentemente variável, de acordo com diferentes fatores, o recurso aos dicionários como *corpus de exclusão* mostra-se também limitado por várias razões: incompletude dessas obras, com omissões voluntárias ou acidentais em suas nomenclaturas; atraso na introdução de palavras; divergência da nomenclatura dentre os dicionários. Sablayrolles apresenta ainda outros questionamentos: as línguas ágrafas, não descritas em dicionários, não apresentam neologismos?; o critério de neologicidade de uma unidade lexical deve ser de responsabilidade dos lexicógrafos? Em razão dessas considerações, apresenta resultados de algumas experiências em que falantes do francês, diante do mesmo *corpus*, apresentam coincidências sobre o que julgam neológico, mas também discordâncias, determinadas, sobretudo, por suas experiências anteriores.

Outra proposta de definição dos neologismos, apresentada por Guerrero (2017), leva em conta o neologismo *stricto sensu* e o uso neológico. Considerando que o ponto de partida para a definição de um neologismo deve levar em conta o sentimento neológico, a autora apresenta critérios para a detecção desses elementos com a introdução da distinção entre neologismos de autor e de receptor. Esse último critério permite uma classificação mais adequada de certas unidades lexicais, como os regionalismos, que, característicos de uma área geográfica, podem ser considerados novos para falantes de outras regiões:

1. O dicionário continua sendo um meio eficaz para avaliar a neologia;
2. É preciso distinguir entre neologismo *stricto sensu* e uso neológico;
3. A imprensa e os meios de comunicação, em geral, constituem uma

importante porta de entrada não apenas para os neologismos comuns, como também, e sobretudo, para os neologismos de áreas de especialidade;

4. A especialidade deve ser considerada uma variável a mais que permita estabelecer o grau de neologicidade das palavras, isto é, as palavras de áreas de especialidade constituem a maior contribuição para a criação e uso de neologismos;

5. É preciso distinguir entre neologismos de emissor e de receptor, de um lado, e neologismos de receptor, de outro<sup>4</sup>.

A metodologia de caracterização da neologicidade de uma unidade lexical foi conhecendo novas formas com a evolução da Informática. Os recursos digitais, a disponibilização de textos pela internet, particularmente, têm possibilitado que um *corpus* de exclusão possa ser representado pela utilização de *corpora* textuais (jornais, revistas, teses...) disponíveis em formato eletrônico (cf. ALVES, 2017). De maneira análoga, *corpora* extraídos da internet (*web as corpus*, segundo a proposta de Adam Kilgarriff (2013)), com base em critérios de compilação estabelecidos pelo grupo de pesquisa, podem também atuar como um *corpus* de exclusão. Esta também é a sugestão de Lino (2019, p. 3), ao afirmar:

Hoje, parece-nos de uma extrema importância os corpora web, constituídos de textos recentes, onde é possível observar os neologismos, os neónimos, os termos científicos e técnicos vulgarizados que entram na língua corrente; frequentemente a fronteira entre língua corrente e as línguas de especialidade fica muito tênue.

---

<sup>4</sup> 1. El diccionario sigue siendo un medio eficaz para medir la neología; 2. Hay que diferenciar entre neologismo stricto sensu y uso neológico; 3. La prensa y los medios de comunicación en general son una importante puerta de entrada no solo para los neologismos comunes, sino también, y incluso más, para los neologismos especializados; 4. La especialidad debe ser considerada una variable más que permita establecer el grado de neologicidad de las palabras, es decir, las palabras especializadas suponen la principal aportación en la creación y uso de neologismos; 5. Hay que distinguir entre neologismos de emisor y receptor, por una parte, y neologismos de receptor, por otra.

Assim, as ferramentas computacionais atuais representam uma grande facilitação do trabalho de identificação e coleta de neologismos. No entanto, há limitações: em primeiro lugar, as ferramentas computacionais funcionam muito bem ao lidar com unidades lexicais simples, porque trabalham com cadeias de caracteres; expressões formadas por mais de uma unidade (como compostos grafados sem hífen ou formações sintagmáticas) exigem algoritmos mais elaborados, envolvendo frequências de uso, e pedem uma interferência humana maior.

Em segundo lugar, outra limitação importante é a dificuldade de identificação que envolve os neologismos semânticos. Como o neologismo semântico é formalmente idêntico a uma unidade não-neológica, uma ferramenta computacional que faça uma comparação com um *corpus* de exclusão não vai identificá-lo. É necessário que uma ferramenta seja capaz de identificar as diversas acepções das unidades lexicais para, assim, identificar uma acepção ainda não registrada. Já há, no âmbito da Linguística Computacional, experimentos que envolvem identificação automática de acepções e desambiguação de homônimos; é possível que, no futuro, esses algoritmos venham a ser adaptados para a identificação de neologismos semânticos.

As possibilidades de definição de um neologismo aqui apresentadas, no entanto, não conduzem, propriamente, à caracterização de seu conceito. Como enfatizou Alain Rey (1967, p. 17), em um artigo clássico, o conceito de neologismo é sempre relativo, arbitrariamente definido:

Não há, evidentemente, neologismo em si, mas em relação a um conjunto de usos arbitrariamente definidos. Em função dessas observações, pode-se considerar que se trata de um conceito pragmático, metodológico, sem dúvida trivial, mas não de um pseudoconceito<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Il n'y a évidemment pas de néologisme en soi, mais par rapport à un ensemble d'usages arbitrairement définis. Compte tenu de ces remarques, on pourra considérer qu'il s'agit d'un concept pragmatique, méthodologique, sans doute trivial, mais non pas d'un pseudo-concept.



## Trabalhos sistemáticos sobre neologismos

O desenvolvimento e a divulgação de estudos sobre a neologia e os neologismos, especialmente nas línguas românicas, deve-se sobretudo ao trabalho iniciado no âmbito dos observatórios de neologismos, instituídos na esteira do observatório criado junto ao *Laboratoire d'Analyse Lexicologique* do *Centre d'étude du vocabulaire français* da Univ. de Besançon (Besançon, França) pelo lexicólogo e lexicógrafo Bernard Quemada, no início dos anos 60. Outros polos de observação da neologia da língua francesa foram em seguida criados em Portugal (Lisboa), Itália (Turim) e no Canadá (Québec), abrindo caminho para a instauração de observatórios de outras línguas românicas a partir de 1980.

Com base na metodologia adotada nesse observatório pioneiro, que se apoiava em *corpora* constituídos por jornais e revistas de grande circulação, seguiram-se outros observatórios, instituídos para o estudo da neologia de diferentes línguas românicas. O *Observatori de Neologia* (OBNEO) foi criado em 1988, na Universitat Autònoma de Barcelona e posteriormente transferido para a Universitat Pompeu Fabra (IULA), também em Barcelona, para o estudo das criações lexicais do espanhol e do catalão. Outros observatórios foram surgindo, com os mesmos objetivos: *Osservatorio neologico della lingua italiana* (ONLI), da Università La Sapienza de Roma (língua italiana); *Observatorul neologic roman* (Institutul de Lingvistică Iorgu Iordan – Al. Rosetti de Bucareste) (língua romena); *Observatoire de néologie du français de Belgique* (Institut Marie Haps, Bruxelas) (francês belga); *Observatorio de neologia* da Universidade de Vigo (língua galega); *Observatoire de néologie du français de Québec* (Université Laval, Office québécois de la langue française) (francês quebequense).

No que concerne ao estudo da neologia em língua portuguesa, alguns observatórios foram criados no Brasil e em Portugal a partir da década de 1990: *Observatório de neologismos do português brasileiro contemporâneo* (TermNeo) da Universidade de São Paulo; em Portugal, foram criados o *Observatório de neologia e de*

*terminologia em língua portuguesa* (NEOPORTERM), da Universidade Nova de Lisboa, e o *Observatório de neologia do português* (ONP) do ILTEC, Universidade de Lisboa.

Observatórios têm também sido instaurados em países africanos de língua portuguesa. A neologia do português moçambicano tem sido estudada pelo *Observatório de neologismos do português de Moçambique* (ONPM), da Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique. No âmbito do português angolano, o ANGONEO – *Observatório de neologismos do português em Angola*, recentemente criado, objetiva descrever e analisar as criações lexicais do português falado em Angola.

Esses observatórios, que constituem importantes núcleos de estudo da neologia da língua que descrevem, apresentam neologismos susceptíveis de serem analisados por diferentes teorias e perspectivas linguísticas.

### **Neologia e neologismo nas línguas de especialidade**

A partir da década de 1970, o conceito de neologia, que até então se referia somente aos aspectos linguísticos da construção de novas unidades lexicais, no âmbito geral da língua, começa a tornar-se polissêmico e passa a designar também a criação de termos nas áreas de especialidade. Esse fato decorre do interesse que os linguistas, especialmente os da área lexical, passaram a manifestar em relação à Terminologia, disciplina que, ainda que praticada há séculos, teve seus princípios e métodos estabelecidos, assim como o reconhecimento de sua importância do ponto de vista da comunicação, na segunda metade do século XX.

Um breve retrospecto dessa disciplina mostra que, no século XVIII, cientistas – Lavoisier e Berthold (química), Lineu (botânica e zoologia) – já se preocupavam com a nomeação dos termos de áreas de especialidade. Essa preocupação está evidenciada na realização de colóquios internacionais, realizados por botânicos (1867), zoólogos (1889) e químicos (1892) com a finalidade de discutirem as questões de nomeação em suas respectivas áreas (CABRÉ, 1993, p. 21-22). Essa autora destaca que, se nos séculos

XVIII e XIX são os cientistas que se interessam pela Terminologia, observa-se, na primeira metade do século XX, que o rápido desenvolvimento de tecnologias enseja que profissionais da área da engenharia procurem não apenas denominar novos conceitos mas também a harmonização de novas denominações. É nesse contexto que atuaram o engenheiro austríaco E. Wüster, considerado o fundador da Terminologia moderna e principal representante da Escola de Viena, e o russo D. S. Lotte, fundador da Escola Soviética de Terminologia.

No início e no decorrer da segunda metade do século XX, observam-se alguns trabalhos pioneiros que começam a estabelecer uma ponte entre a neologia na língua corrente e nas áreas de especialidade. Boulanger (1984, p. 7-8) constata que a estabilização da Terminologia, como disciplina autônoma e reconhecida no âmbito das ciências da linguagem, teve início com trabalhos que estudaram a neologia de algumas línguas de especialidade na língua francesa. Mesmo que a metodologia utilizada nesses trabalhos tenha seguido uma orientação lexicológica, voltada para a análise morfológica das unidades lexicais e sua inserção em campos semânticos, a descrição de vocabulários – das estradas de ferro (Peter Wexler – 1950), da aviação e da astronáutica (Louis Guilbert – 1965, 1967), da política e da sociedade (Jean Dubois - 1962), entre outros –, abriu caminhos para que estudiosos da neologia passassem também a estudar neologismos em textos técnico-científicos.

É também na segunda metade do século XX que a Terminologia, após um período inicial de 1930 a 1960, segundo Cabré, atinge outros estágios, desde sua estruturação (1960 a 1975), passando por sua eclosão (1975 a 1985) e chegando à ampliação (desde 1985) (CABRÉ, op. cit., p. 28). Nesse período de ampliação, observa-se o crescente interesse, por parte de lexicólogos, tradutores e documentalistas pela Terminologia e pela elaboração de trabalhos terminológicos.

Os estudos de neologia, que priorizavam a descrição de unidades lexicais neológicas do léxico mais geral, passam também a estabelecer relações mais estreitas

com a Terminologia, com trabalhos voltados para a descrição de termos neológicos. Dessa relação delinea-se outra vertente da neologia, pois o ato de nomear passa também a ser focado no âmbito de uma perspectiva de planejamento e de intervenção linguística, ou seja, de uma política linguística.

Por essa razão, Boulanger, em um trabalho seminal (1989, p. 205), atribui ao termo *neologia*, além das funções tradicionalmente inerentes ao seu conceito (1), outras funções (2,3,4,5):

1. O termo *neologia* continua a designar o processo de criação das novas unidades lexicais, gerais ou terminológicas, por meio do recurso, consciente ou inconsciente, ao arsenal dos mecanismos de criatividade linguística habituais de uma língua;
2. O termo *neologia* designa, em segundo lugar, o estudo teórico e aplicado das inovações lexicais, seja das técnicas de formação de palavras (derivação, composição, sintagmatização, empréstimo etc), da aquisição semântica, dos critérios de reconhecimento, de aceitabilidade ou de difusão dos neologismos, das relações com a normalização, seja da inserção social ou socioprofissional das lexias novas;
3. O termo *neologia* também denomina a atividade institucional organizada e planejada sistematicamente para identificar, criar, registrar, difundir e implantar inovações lexicais, no âmbito de um organismo privado ou público com vocação linguística;
4. O termo *neologia* é utilizado para designar a tarefa de identificação das áreas de especialidade do conhecimento humano que necessitam de uma contribuição lexical considerável para preencherem suas lacunas de vocabulário;
5. O termo *neologia* designa, enfim, um conjunto de relações com os dicionários gerais unilíngues e os dicionários especiais com preponderância neológica (dicionários de neologismos, de palavras selvagens, de empréstimos etc.). Entramos, aqui, no coração da lexicografia<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> 1. Le terme *néologie* désigne toujours le processus de création des unités lexicales nouvelles, générales ou terminologiques, par le recours, conscient ou inconscient, à l'arsenal des mécanismes de créativité linguistique habituels d'une langue; 2. Le terme *néologie* désigne en second lieu l'étude théorique et appliquée des innovations lexicales, qu'il s'agisse des techniques de formation des mots (dérivation, composition, syntagmatisation, emprunt, etc.), de l'acquisition sémantique, des critères de reconnaissance, d'acceptabilité ou de diffusion des néologismes, des rapports avec la normalisation ou encore de l'insertion sociale ou socio-professionnelle des lexies nouvelles; 3. Le terme *néologie* dénomme

A pesquisa de neologismos em áreas de especialidade enseja a criação de novos termos. Rondeau propõe os termos *néonyme* e *néonymie* para designar, respectivamente, o neologismo terminológico e seu processo de criação (1984). Para ele, há dois tipos de neônimos, o *neônimo original* (*néonyme d'origine*), que nomeia uma descoberta nova, e o *neônimo d'appoint* (*neônimo complementar*), que retrata o percurso que um neônimo pode percorrer:

Um termo novo aparece em uma língua de especialidade (ou linguagem especializada) no momento em que um novo conceito nasce, graças à descoberta de um cientista, um técnico, um tecnólogo etc., enfim, de um especialista da área. O novo conceito é nomeado por seu criador em sua língua de trabalho. Os novos termos assim criados constituem neônimos originais (NO)<sup>7</sup>. (RONDEAU, 1984, p. 123).

Um novo conceito circula rapidamente, em geral, nos meios científicos e técnicos. A denominação que lhe foi atribuída por seu primeiro conceptualizador pode, em certos casos, passar de uma língua a outra, constituindo-se, assim, um caso de neologia por empréstimo; ou então, pode ser objeto de uma tradução literal: é o caso do decalque; ou, finalmente, uma nova denominação (em um idioma diferente do idioma original) será acrescentada a esse conceito, por um especialista da área, um tradutor ou um terminólogo. Todos estes tipos de denominação constituem neônimos complementares (NA)<sup>8</sup>. (RONDEAU, 1984, p. 123).

---

également l'activité institutionnelle organisée et planifiée systématiquement pour recenser, créer, consigner, diffuser et implanter des innovations lexicales, dans le cadre d'un organisme privé ou public à vocation linguistique; 4.Le terme *néologie* sert à désigner l'entreprise d'identification des secteurs spécialisés des connaissances humaines qui requièrent un apport lexical considérable en vue de combler des déficits de vocabulaire; 5.Le terme *néologie* désigne enfin un ensemble de rapports avec les dictionnaires généraux unilingues et les dictionnaires spéciaux à prépondérance néologique (dictionnaires de néologismes, de mots sauvages, d'emprunts, etc.). Nous pénétrons ici en plein coeur de la lexicographie.

<sup>7</sup> Un terme nouveau apparaît dans une langue de spécialité (ou langage spécialisé) au moment où une notion nouvelle voit le jour, grâce à la découverte d'un savant, d'un technicien, d'un technologue, etc., bref, d'un spécialiste du domaine. La nouvelle notion est nommée par son concepteur dans sa langue de travail. Les termes nouveaux ainsi créés constituent des *néonymes d'origine* (NO) (RONDEAU 1984, p. 123).

<sup>8</sup> Une nouvelle notion circule en général rapidement dans les milieux scientifiques et techniques. La dénomination qui lui a été rattachée par son premier concepteur peut, dans certains cas, passer d'une langue à l'autre, constituant ainsi un cas de néologie d'emprunt ; ou encore, elle peut faire l'objet.

Boulanger (1989, p. 202) propõe *néoterme*, que representa a unidade nova “capaz de suprir cada déficit assinalado, incorporando-se ao uso atual ou sócio-profissional [...]”<sup>9</sup>.

Alguns países como a França (*France Terme*), ou regiões (Termcat. Centre de Terminologia, na Catalunha, Espanha); Servizo de Terminoloxía Galega (TERMIGAL), na Galícia, Espanha; *Office québécois de la langue française*, no Québec, Canadá), adotam uma política de planificação linguística, segundo a qual critérios são estabelecidos para a criação ou a adoção de neologismos terminológicos. A este respeito, mencionamos a oposição proposta por Louis-Jean Calvet (1993, citada por Humbley (2018, p. 39)), entre *neologia in vivo* e *neologia in vitro*. Inspirada na oposição entre fertilização *in vivo* e fertilização *in vitro*, essa metáfora refere-se à neologia geral, mais espontânea (*in vivo*), e à neologia terminológica (*in vitro*), em geral – ainda que nem sempre – mais consciente.

### Neologia e teorias linguísticas

O fenômeno da neologia e dos neologismos (assim como todos os fenômenos da linguagem) é analisado sob diversos pontos de vista, de acordo com as várias teorias linguísticas.

Considerado o fundador da Linguística moderna, Ferdinand de Saussure traz, na sua obra “Curso de Linguística Geral” (originalmente de 1916, aqui citado em edição brasileira de 1969), interessantes reflexões sobre a formação de palavras<sup>10</sup>.

---

d’une traduction littérale : c’est le cas du calque ; ou bien, enfin, une nouvelle dénomination (dans une langue autre que la langue d’origine) sera rattachée à cette notion, par un spécialiste du domaine, un traducteur ou un terminologue. Tous ces types de dénomination constituent des néonymes d’appoint (NA).

<sup>9</sup> [...] l’unité nouvelle capable de subvenir à chaque déficit signalé en s’enchâssant dans l’usage courant ou socioprofessionnel [...]

<sup>10</sup> Sobre as concepções saussureanas de formação de palavras, cf. Maroneze (2008).

Embora sem empregar o termo “neologismo”, Saussure traz um exemplo de formação neológica:

[...] em francês, sobre o modelo de *pension* : *pensionnaire*, *réaction* : *réactionnaire*, etc., qualquer pessoa pode criar *interventionnaire* ou *répressionnaire*, com o significado de “em favor da intervenção”, “em favor da repressão”. Esse processo é evidentemente o mesmo que aquele que acabamos de ver engendrando *honor*: ambos reclamam a mesma fórmula:

*réaction* : *réactionnaire* = *répression* : x  
 x = *répressionnaire* (SAUSSURE, 1969, p. 190-191).

Um pouco mais adiante, o autor traz uma reflexão sobre a neologia (ainda sem usar esse termo) que foi retomada em teorias posteriores:

É [...] um erro acreditar que o processo gerador só se produza no momento em que surge a criação; seus elementos já estão dados. Uma palavra que eu improvise, tal como *in-decor-ável*, já existe em potência na língua; encontramos-lhe todos os elementos em sintagmas como *decor-ar*, *decor-ação*: *perdo-ável*, *manej-ável*: *in-consciente*, *in-sensato* etc., e **sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la** (SAUSSURE, 1969, p. 192-3, grifo nosso).

Assim, pode-se perceber que Saussure entende a criação lexical como resultado de um processo de analogia; e que o seu produto (o neologismo) não apresenta interesse teórico, visto que “já existe em potência na língua”. Essa visão encaixa-se perfeitamente na conhecida dicotomia saussureana entre *língua* e *fala*, de modo que o neologismo é um fato de *fala*, não de *língua*; daí o interesse no processo, mas não no produto.

Embora Saussure seja considerado o fundador da corrente teórica conhecida como Estruturalismo, os linguistas estruturalistas pós-saussureanos nem sempre endossaram essas mesmas concepções. Por se tratar de uma corrente teórica muito diversa, com um grande número de autores e pelo menos duas grandes vertentes (o

Estruturalismo europeu e o norte-americano), torna-se difícil descrever uma concepção única que representaria a “visão estruturalista sobre a neologia e o neologismo”. Cabe mencionar, a título de exemplificação, a concepção de formação de palavras como combinação de morfemas, presente em muitos autores do Estruturalismo norte-americano (por exemplo, Nida, 1949) e, no Brasil, representada por Mattoso Câmara Jr. (1970, 1971), concepção essa por vezes chamada de *item-e-arranjo* (cf. ROSA, 2006, entre outros).

Em meados do século XX, surge na Linguística a corrente teórica conhecida como Gerativismo, que vai se fazer presente em grande parte das universidades do mundo todo, até os dias atuais. Nessa concepção, enfatiza-se a competência linguística, entendida como o conhecimento internalizado dos falantes para gerar enunciados linguísticos. Para a maioria dos autores filiados a essa corrente, o conceito de neologismo é de pouco ou nenhum interesse, visto que a criação de uma unidade lexical específica é entendida apenas como uma manifestação da competência do falante. Nesse sentido, recupera-se a ideia saussureana, já citada, de que a criação de uma unidade lexical “é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la”. Sobre isso, a seguinte citação de Danielle Corbin (1975) é reveladora:

Resulta do exposto que uma definição aproximadamente correta de neologismo poderia ser a seguinte: uma palavra que parece “nova” a quem a produz ou ouve. O interesse desse conceito parece duvidoso. É, nessa perspectiva, uma noção empírica, cujo critério de definição é uma referência à capacidade de julgamento do falante-ouvinte. E é evidente que o tamanho do estoque memorizado de vocabulário depende de condições extralinguísticas (condições de aprendizado, profissão etc.). (CORBIN, 1975, p. 52)<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Il découle de ce qui précède qu’une définition à peu près correcte du néologisme pourrait être la suivante: mot qui paraît ‘nouveau’ à celui qui le produit ou l’entend. L’intérêt d’un tel concept apparaît douteux. C’est, dans cette perspective, une notion empirique, dont le critère de définition est une référence à la capacité de jugement du locuteur-auditeur. Et il est évident que la taille du stock mémorisé de vocabulaire dépend de conditions extralinguistiques (conditions d’apprentissage, profession exercée, etc.). (Corbin, 1975, p. 52)



Em oposição à visão gerativista da linguagem, surge, na segunda metade do século XX, um conjunto de concepções que passam a ser conhecidas pelo nome genérico de Funcionalismo. Dentre as várias características presentes nas correntes funcionalistas, duas merecem destaque por se coadunarem com os estudos de neologia:

- a) O Funcionalismo concebe a língua como um instrumento de interação social.

Nos dizeres de Neves (1997, p. 43):

[...] a língua é um instrumento de interação social. Não existe, em si e por si, como uma estrutura arbitrária de alguma espécie, mas existe em virtude de seu uso para o propósito de interação entre seres humanos.

- b) Para o Funcionalismo, a língua deve ser estudada em seu uso comunicativo.

Ainda nas palavras de Neves (1997, p. 45):

[...] o sistema deve ser estudado dentro do quadro das regras, princípios e estratégias que governam seu uso comunicativo natural. Desse modo, as expressões linguísticas só podem ser compreendidas propriamente quando consideradas no seu funcionamento nos contextos, sendo as propriedades deste co-determinadas pela informação contextual e situacional.

Nesse sentido, é importante enfatizar que, ao estudarmos os neologismos, estamos estudando unidades lexicais efetivamente atestadas e empregadas em situações reais de comunicação; assim, a Linguística Funcionalista é uma concepção perfeitamente compatível com os estudos de neologia. É reveladora a frase de Matoré (1953, p. 42) de que “as palavras, sem dúvida, não caem do céu: elas nascem em seu momento”<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Les mots, sans doute, ne tombent pas du ciel : ils naissent à leur heure. (MATORÉ, 1953, p. 42)

Uma corrente teórica ainda mais recente, por vezes considerada uma vertente do Funcionalismo, é a Linguística Cognitiva. Essa denominação reúne abordagens diversas, mas que têm apresentado novas perspectivas ao estudo da formação de palavras. As principais contribuições dessa corrente podem ser resumidas nas palavras de Ungerer (2007, p. 651): a Linguística Cognitiva

pode fornecer tanto um apoio teórico quanto ferramentas empíricas para completar um processo que já tinha sido iniciado: a semanticização da análise da formação de palavras”<sup>13</sup>.

Assim, parece ser no âmbito da Semântica que a Linguística Cognitiva tem mais a contribuir para a neologia.

Os estudos de neologia baseados nas diversas correntes da Linguística Cognitiva têm enfatizado a construção do significado do neologismo, seja do ponto de vista do emissor (que cria um neologismo para expressar determinado significado), seja do ponto de vista do receptor (que precisa atribuir significado à nova unidade).

Uma das principais vertentes da Linguística Cognitiva que pode contribuir para o estudo da neologia são os chamados “modelos baseados no uso” (BYBEE, 1985, 1988; LANGACKER, 1987, 1991; BASILIO, 1997, entre outros), que propõem que a formação de palavras ocorre a partir da generalização de padrões analógicos. Assim, abandonam-se as “regras de formação de palavras” comuns nos trabalhos de orientação gerativista e passa-se a entender que a criação de um neologismo é fruto de analogias com outras unidades lexicais já consagradas na língua. Com isso, é possível compreender mais claramente a relação que a unidade lexical neológica estabelece com as demais unidades do léxico. Nas palavras de Basilio (1997, p. 20), nesse entendimento, a descrição das regras de formação de palavras

---

<sup>13</sup> “Indeed, it [a Linguística Cognitiva] can provide the both the theoretical background and the empirical tools to complete a process that had already been set going: the semanticization of word-formation analysis.”

perde qualquer interesse teórico como definição do conjunto de construções lexicais possíveis e passa a ter apenas o interesse prático de estudos estatísticos para fins determinados, desde a construção de línguas pseudo-naturais até o ensino voltado para a aceitabilidade de padrões em atividades de escrita e tradução. O interesse se desloca, em termos teóricos gerais, para a identificação do léxico como elemento de interface conhecimento/comunicação/estrutura; e, dentro da teoria lexical, para a definição do alcance da analogia e para a atuação relativa de fatores não-lineares subjacentes à criatividade lexical.

Um dos modelos teóricos mais bem-acabado para o estudo da formação de palavras na Linguística Cognitiva é a chamada Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010, 2018; GONÇALVES; ALMEIDA, 2014; GONÇALVES, 2016a). Esse modelo tem se revelado particularmente importante na análise de processos de formação de palavras considerados menos usuais, como a truncação e o cruzamento vocabular, entre outros (GONÇALVES, 2016b). Nas palavras de Booij (2018, p. 4-5):

[...] palavras complexas não são vistas primariamente como uma concatenação de morfemas, mas como unidades significativas independentes dentro das quais certos subcomponentes (morfemas) podem ser distinguidos com base em relações paradigmáticas com outras palavras. Ou seja, a morfologia não deve ser igualada à “sintaxe dos morfemas”.<sup>14</sup>

Os estudos de metáfora e metonímia (LAKOFF; JOHNSON, 1980; PANTHER; RADDEN, 1999) também se constituem numa importante vertente da Linguística Cognitiva. Suas contribuições mais óbvias são no campo da neologia semântica, ao descreverem os processos metafóricos e metonímicos pelos quais uma unidade lexical adquire novas acepções. Além disso, as teorias cognitivas da metáfora e da metonímia

---

<sup>14</sup> [...] complex words are not seen primarily as a concatenation of morphemes, but as independent meaningful units within which certain subcomponents (morphemes) may be distinguished on the basis of paradigmatic relations with other words. That is, morphology is not to be equated with the ‘syntax of morphemes’.

também têm sido usadas para descrever o significado de afixos e de processos formativos (cf. os trabalhos de BASILIO, 2007 e MARONEZE, 2016, entre outros). Sobre a metonímia, especificamente, já foi observado que “é um processo linguístico-cognitivo de que o falante lança mão para ‘construir’ o significado lexical a partir do composicional e do conhecimento extralinguístico” (MARONEZE, 2016, p. 128).

A neologia é um fenômeno que ultrapassa as fronteiras do léxico, trazendo implicações para todos os níveis de análise linguística. Da Fonologia ao Discurso, do Estruturalismo à Linguística Cognitiva, o fenômeno neológico pode ser analisado sob os mais variados pontos de vista. Nas palavras de Sablayrolles (2006):

Esses estudos realmente vão além dos limites da Lexicologia ou da Lexicografia, porque são todos os ramos da linguagem e das ciências da linguagem que estão mais ou menos implicados na aparição neológica. Longe de ser um confinamento, o trabalho sobre neologia é uma abertura.<sup>15</sup>

Assim, esperamos ter focado as principais questões relativas ao fenômeno neológico e, desejamos, com este volume temático da revista GTLEX, contribuir com a constante renovação dos estudos de neologia.

À guisa de homenagem ao professor, lexicólogo e lexicógrafo Bernard Quemada (1971, p. 137-138), que tanto incentivou os estudos sobre a neologia e enfatizou sua importância para a história das línguas, terminamos esta apresentação com suas palavras<sup>16</sup>:

---

<sup>15</sup> Ces études dépassent en effet le cadre de la lexicologie ou de la lexicographie, car ce sont toutes les branches de la langue et des sciences du langage qui sont peu ou prou concernées par l'apparition néologique. Loin d'être un enfermement le travail sur la néologie est une ouverture.

<sup>16</sup> Il est devenu évident, pour la majorité des usagers, qu'une langue de culture moderne, nécessairement scientifique et technique, doit voir dans la néologie lexicale autre chose qu'un mal évitable. C'est la première condition à partir de laquelle la langue peut espérer demeurer un instrument de communication nationale, voire internationale, et plus simplement rester une langue vivante. Elle doit même considérer la créativité lexicale comme l'un des gages de sa richesse immédiate, comme le signe premier de sa vitalité. Une langue qui ne connaîtrait aucune forme de néologie serait déjà une langue

Tornou-se evidente, para a maioria dos falantes, que uma língua de cultura moderna, necessariamente científica e técnica, não pode ver na neologia lexical apenas um mal inevitável. Essa é a primeira condição segundo a qual o idioma pode esperar permanecer como um instrumento de comunicação nacional, e mesmo internacional, e não ser apenas uma língua viva. Deve até considerar a criatividade lexical como parte responsável pela sua riqueza imediata, como o primeiro sinal de sua vitalidade. Uma língua que não conhecesse nenhuma forma de neologia seria uma língua morta, e não se pode contestar que a história de todas as nossas línguas constitui, em suma, a história de sua neologia.

Desse modo, podemos concluir, com Quemada, que a criação neológica é parte da história das línguas.

### **Apresentação dos artigos deste número temático**

Os artigos selecionados para este número temático compõem três partes. Na primeira parte, dois artigos de natureza teórico-metodológica abrem o volume. O artigo de João Henrique Lara Ganança traz um histórico dos estudos de neologia no português brasileiro, apresentando tanto questões metodológicas que foram e ainda são adotadas nas pesquisas como também problemas analíticos referentes aos processos de formação de palavras. Já o texto de Ana Maria Ribeiro de Jesus se propõe a revisar e comparar as tipologias de neologismos adotadas por diversos pesquisadores, não só no Brasil, mas também em outras tradições de pesquisa.

A segunda parte é formada por artigos que abordam o fenômeno da neologia na chamada “língua geral”. O artigo de Denise Augusta Pereira consiste em uma pesquisa em nível de graduação em que a autora analisa composições formadas por dois substantivos. Sua análise mostra que a classificação tradicional apresentada nas

---

morte, et l'on ne saurait contester que l'histoire de toutes nos langues n'est, en somme, que l'histoire de leur néologie.

gramáticas, que divide as composições entre formadas por justaposição e por aglutinação, é insuficiente para dar conta da riqueza deste processo neológico.

O texto de Letícia Pena Silveira usa como fonte de dados um gênero textual de criação recente: o meme. A autora mostra ser esse gênero bastante profícuo para a criação neológica, trazendo também reflexões sobre o emprego desses neologismos no ensino de língua portuguesa.

No artigo de Mariana Giacomini Botta, apresenta-se um estudo de caso sobre um neologismo específico: o estrangeirismo *spoiler*. A autora traça o percurso histórico desse neologismo primeiramente na língua inglesa e, em seguida, sua integração à língua portuguesa. Apesar de ser um estudo sobre um caso específico, sua metodologia e suas conclusões contribuem para o entendimento do fenômeno geral da integração de estrangeirismos.

A neologia como causadora de humor, um tema muito rico para estudo, é o assunto do artigo de Geraldo José Rodrigues Liska. A partir da análise de neologismos encontrados em charges políticas, o autor mostra como a neologia contribui para a expressividade da língua.

Único artigo em língua estrangeira deste volume, o texto de Ana María Díaz Ferrero e Rafael Porlán Moreno aborda um tema importante e nem sempre estudado com a devida ênfase, que é a neologia decorrente da tradução. Os autores trazem exemplos de neologismos que surgem em traduções por influência de outra língua, como o neologismo em espanhol *descontentamiento* em vez de *descontento* (por influência do português *descontentamento*). Por ser considerado um problema de tradução, os autores apresentam uma proposta didática para auxiliar tradutores em formação a evitar esses neologismos.

A terceira parte deste número temático traz dois artigos sobre a neologia nas linguagens de especialidade. Fernanda Mello Demai aborda aspectos da neologia na área de Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio,

mostrando os diversos graus de lexicalização dos termos. Por fim, o texto de Márcia de Souza Luz Freitas, fechando o volume, analisa os neologismos da área da Engenharia Biomédica, mostrando como esses neologismos surgem a partir de unidades lexicais de outros domínios, os chamados “domínios ancestrais”.

Esses nove artigos, embora não abarquem todo o amplo espectro de estudos da neologia, são representativos da grande diversidade de olhares e perspectivas segundo os quais é possível estudar o fenômeno. Assim, com este número temático, esperamos trazer mais uma pequena contribuição a esse rico campo de estudos na Linguística brasileira.

## Referências

ALVES, I. M. Contribuições para a metodologia do trabalho em neologia terminológica: o corpus de exclusão. *In*: CATALA, S. Á.; BARITE, M. (org.). **Teoría y praxis en terminología**. Montevideo: Ediciones Universitarias, Unidad de Comunicación de la Universidad de la República, 2017. p. 103-112.

ALVES, I. M. **Neologismo**. Criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

ALVES, I. M. **Um estudo sobre a neologia lexical**: os microssistemas prefixais do português contemporâneo. Tese (Livre-Docência em Lexicologia e Terminologia) – São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

AULETE, F. J. C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Edição brasileira rev. e atual. Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Delta, 1958. 5 v., 1 ed. 1881.

BASILIO, M. O papel da metonímia nos processos de formação de palavras: um estudo dos verbos denominais em português. **Revista da ABRALIN**, v. 6, n. 2, p. 9-21, jul./dez. 2007. DOI <https://doi.org/10.5380/rabl.v6i2.52621>

BASILIO, M. O Princípio da Analogia na Constituição do Léxico: Regras são Clichês Lexicais. **Veredas**, v. 1, n. 1, p. 9-21. Juiz de Fora: UFJF, 1997.

BOOIJ, G. (org.). **The construction of words**. Advances in Construction Morphology. New York: Springer, 2018. DOI <https://doi.org/10.1007/978-3-319-74394-3>

BOOIJ, G. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1007/978-3-319-74394-3>

BOULANGER, J.-C. L'évolution du concept de NÉOLOGIE de la linguistique aux industries de la langue. *In*: SCHAEZEN, C. de. **Terminologie diachronique**. Paris: Conseil international de la langue française, 1989. p. 193-211.

BOULANGER, J.-C. Néologie et terminologie. **Neologie en Marche**, v. 4, p. 5-128, 1979. Série b: langues de spécialités.

BOULANGER, J.-C. Quelques observations sur l'innovation lexicale spontanée et sur l'innovation lexicale planifiée. **La Banque des Mots**, v. 27, p. 3-29, 1984.

BYBEE, J. Morphology as lexical organization. *In*: HAMMOND, M.; NOONAN, M. (ed.) **Theoretical Morphology**. Approaches in modern Linguistics. San Diego: Academic Press, 1988. p. 119-141.

BYBEE, J. **Morphology: a study of the relation between meaning and form**. Amsterdam: Johns Benjamins, 1985. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.9>

CABRÉ, M. T. **La terminología**. Teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editoria, Antártida / Empúries, 1993.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA Jr., J. M. **Problemas de Lingüística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1971.

CORBIN, D. La notion de néologisme et ses rapports avec l'enseignement du lexique. **Bref**, vol. 4, p. 41-57, 1975.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DUBOIS, J. **Le vocabulaire politique et social en France de 1869 à 1872**. Paris: Larousse, 1962.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1 ed. 1975.



FREIRE, L. O. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. 5 v., 1 ed. 1940.

GIRAUD, J. Petite histoire du néologisme. **Vie et Langage**, v. 265, p. 200-207, 1974.

GONÇALVES, C. A. V. **Morfologia Construcional: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016a.

GONÇALVES, C. A. V. (org.). **Processos “marginais” de formação de palavras**. Campinas: Pontes, 2016b.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. **Alfa**, v. 58, n. 1, pp. 165-193, 2014. DOI <https://doi.org/10.1590/S1981-57942014000100007>

GUERRERO RAMOS, G. Nuevas orientaciones de la terminología y de la neología en el ámbito de la semántica léxica. **RILCE**, v. 33, n.3, p. 1385-1415, 2017. DOI <https://doi.org/10.15581/008.33.3.1385-1415>

GUILBERT, L. **La formation du vocabulaire de l’aviation**. Paris: Larousse, 1967.

GUILBERT, L. **Le vocabulaire de l’aéronautique**. Paris: Larousse, 1965.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Grande dicionário Houaiss beta da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2012. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br>.

HUMBLEY, J. **La néologie terminologique**. Paris: Lambert-Lucas, 2018.

KILGARRIFF, A.; RIGAU, I. esTenTen, a vast web corpus of Peninsular and American Spanish. In: VARGAS-SIERRA, C. (ed.). **Corpus resources for descriptive and applied studies**. Current Challenges and Future Directions: Selected Papers from the 5th International Conference on Corpus Linguistics (CILC2013). Alicante, Spain, 2013. p. 12-19. DOI <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2013.10.617>

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar: Descriptive application**. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LINO, M. T. Neologia e neonímia em língua portuguesa. **Linha d'Água (Online)**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 9-23, set.-dez. 2019. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v32i3p9-23>

MARONEZE, B. A metonímia na interpretação de unidades lexicais neológicas. **Signo**, v. 41, n. 70, p. 123-129. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2016. DOI <https://doi.org/10.17058/signo.v41i70.6148>

MARONEZE, B. As concepções saussureanas de formação de palavras. **ReVEL**. Edição Especial n. 2, 2008. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_esp\\_2\\_as\\_concepcoes\\_saussurianas\\_de\\_formation\\_de\\_palavras.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_as_concepcoes_saussurianas_de_formation_de_palavras.pdf). Acesso em : 25 mai. 2020.

MATORÉ, G. **La méthode en Lexicologie**. Paris: Marcel Didier, 1953.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NIDA, E. **Morphology**. 2. ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.

PANTHER, K.-U.; RADDEN, G. (ed.) **Metonymy in language and thought**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. DOI <https://doi.org/10.1075/hcp.4>

QUEMADA, B. A propos de la néologie. **La Banque des Mots**, v. 2, p. 137-50, 1971.

REY, A. Néologisme: un pseudo-concept? **Cahiers de Lexicologie**, v. 28, n. 1, p. 3-17, 1976.

RONDEAU, G. **Introduction à la terminologie**. Québec: Gaëtan Morin, 1984. 1 éd. 1981.

ROSA, M. C. **Introdução à Morfologia**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SABLAYROLLES, J.-F. La néologie aujourd'hui. In: GRUAZ, C. (org.). **A la recherche du mot**: de la langue au discours. Limoges: Lambert-Lucas, 2006. p. 141-157.

SABLAYROLLES, J.-F. La néologie aujourd'hui. In: GRUAZ, C. **À la recherche du mot**: de la langue au discours. Limoges: Lambert-Lucas, 2006.

SABLAYROLLES, J-F. Le sentiment néologique: une compétence qui s'acquiert et s'affine. *In*: ALVES, I. M.; JESUS, A. M. R. de; OLIVEIRA, L. P. de; PEREIRA, E. S. (ed.). **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas**. v. 3, 2013. p. 6-20.

SABLAYROLLES, J-F. **Les néologismes**. Créer des mots français aujourd'hui. Paris: Garnier / Le Monde, 2017.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística geral**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

SILVA, A. de M. **Dicionario da lingua portugueza**. 2 ed. Lisboa: Typ. Lacérdina, 1813. 2 v. 1 ed. 1789.

SILVA, A. de M. **Grande dicionário da língua portuguesa**. 10 ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1949-59. 13 v. 1 ed. 1789.

UNGERER, F. Word formation. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.) **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 988-1011.

VIEIRA, Frei D. **Grande dicionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza**. Porto: Ernesto Chardron e Bartolomeu H. de Moraes, 1871-4. 5 vol.

WEXLER, P. **La formation du vocabulaire des chemins de fer en France (1778-1842)**. Genève: Droz, 1950.